

---

## Apresentação

### Hibridismos na ficção contemporânea luso-brasileira

#### Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.n56a1446>

As produções romanescas luso-brasileiras contemporâneas, sobretudo as produzidas a partir da segunda metade do século XX até as duas primeiras décadas do século XXI, têm sido constituídas e pensadas por meio de práticas de expansividade ultrapassando os limites do literário ou, ainda, como preferem alguns críticos, como literaturas fora de si. Essa perspectiva ficcional é circunscrita no processo de expansão da escrita de narrativas para além de seu próprio campo, haja vista que os prosadores contemporâneos desconfiguram os binarismos realidade *versus* ficção e verdade *versus* simulacro. Nos trabalhos dos ficcionistas recentes, a perspectiva do *jeu* (jogo) da *écriture* (escritura) derridiano é incorporada ao texto fictício que, por sua vez, passa a assumir outros suportes e outras funções, resultando, tal como definiu Wander Miranda (2014, p. 135-136), em “formas mutantes”. Esses textos multiformes são concebidos para além das categorias literárias estanques como as de autor, de obra, de estilo, de texto e de sentido. São composições híbridas e são e não são literatura, bem como são, ao mesmo tempo, ficção e realidade, haja vista que se tratam de trabalhos que produzem novas condições de produção e circulação que modificam modos de ler.

No que diz respeito à noção de hibridismo, Vladimir Krysinski (2012) ressalta que, no século XX, houve uma forte descanonização dos discursos hegemônicos coloniais e que, devido a esse questionamento, o hibridismo desempenha um papel tático. Expressão advinda das ciências biológicas, o conceito foi apropriado pela teoria e crítica literárias, com o intuito de explicar diferentes maneiras de escrever por meio da “mistura, [do] cruzamento, [da] junção ou [da] mestiçagem” (Krysinski, 2012, p. 233). No âmbito da narrativa ficcional, o hibridismo refere-se a composições que rompem fronteiras hierárquicas dos gêneros, bem como transgridem as normas estruturais estabelecidas pelos manuais clássicos de teoria da literatura.

Nas ficções mais recentes, constatamos uma miscelânea de dicções heterogêneas que revelam heterotopias, isto é, outros lugares e espaços cuja ideia de ficção, que seria autônoma e independente, aparece suplantada por uma arte outra, afigurando-se como parte do mundo. Essa abertura do heterocosmo fictício aos diversos campos do saber resulta, muitas vezes, em criações inclassificáveis que revelam um dispositivo da montagem que os constrói e se realiza “por meio de cortes [...], de migrações e sobrevivência das ‘figuras’ em que os eventos narrados se transformam” (Kiffer; Garramuño, 2014, p. 13). Tal tendência à expansividade, tão comum nas ficções luso-brasileiras e também africanas de língua portuguesa recentes, se a pensarmos segundo a perspectiva da pós-autonomia, propõe o abandono de categorias exegéticas tradicionais ou mesmo estanques dentro do que a teoria e a crítica literárias, sobretudo até a metade do século XX, costumavam se ocupar.

Não obstante, essa guinada da natureza pós-autônoma da ficção tem raízes mais profundas, principalmente se voltarmos nossa atenção a dois textos fundamentais da crítica literária do século XX: “A morte do autor” (1968) e “O que é um autor?” (1969), respectivamente de Barthes e de Foucault. Aliás, ambos, influenciados pela descon-

trução, já conferiam destaque à recepção, à pluralidade de sentidos e ao aspecto inacabado da obra em detrimento da autoridade do autor externo. O que se resulta dessas problematizações dos pensadores pós-estruturalistas e que se verifica no cenário da novíssima ficção de língua portuguesa é a constatação de uma proliferação de narrativas altamente híbridas, indisciplinadas e que se valem de outras formas e meios.

Essa perspectiva do hibridismo também pode ser pensada por meio das práticas da pós-autonomia, teorizada por Josefina Ludmer (2007), em seu texto “Literaturas postautónomas”. Neste, o ensaísta destaca a ambivalência de textos ficcionais produzidos nas últimas décadas que se posicionam, ao mesmo tempo, dentro e fora do que tradicionalmente se denomina literatura e ficção. Trata-se de textos que exibem uma intensa porosidade de fronteiras e que apresentam construções linguísticas questionadoras que põem em xeque os limites aos quais certos gêneros pertenciam e que passaram, então, a apostar na inespecificidade e, também, no hibridismo de gêneros, de discursos e de dicções. Podemos considerar, então, que há uma interpenetração entre a noção de instalação e a de literatura, já que, nesse tipo de ficção, encontramos partes compostas de fragmentos, fotografias e/ou discursos de outras áreas do conhecimento. O texto ficcional torna-se, por conseguinte, uma instalação. Logo, não há como distinguir o que seria verdade ou simulacro. Isto posto,

nessa indistinção pessoal se imbrica também a indistinção ou indiferenciação entre o ficcional e o real, como se nesse texto – como em muitas outras dessas práticas do não pertencimento – a negativa a se articular de modo fechado e a colocar os limites entre a realidade e a ficção fosse um modo de apagar as fronteiras entre esse mundo autônomo que seria a obra e o mundo exterior em que essa obra é lida ou percebida (Garramuño, 2014, p. 21).

Nesses textos de natureza híbrida, deparamo-nos com um trânsito de diferentes tipologias textuais com as quais se “fabricam realidades” através do discurso. Ora, a perspectiva da pós-autonomia evidencia, essencialmente, a “dissolução das fronteiras (ou o reconhecimento de que elas nunca existiram senão como na ficção necessária para a sustentação do paradigma), entre gêneros literários, entre realidade e ficção, entre o dentro e o fora do texto, entre a literatura e outras formas de expressão” (Andrade *et al.*, 2018, p. 168).

Somam-se a essas desierarquizações dos limites da escrita de ficção mais substancialmente a partir dos anos 1960, no que diz respeito mais pontualmente ao romance português contemporâneo, algumas especificidades da era da globalização que passaram a nortear o trabalho do escritor. Miguel Real (2012), em seu incontornável *O romance português contemporâneo (1950-2010)*, aponta algumas categorias fundamentais para pensarmos a respeito dos contextos que propiciam refletir sobre o intenso hibridismo na conjuntura das obras romanescas contemporâneas. São elas:

1. A internacionalização do conteúdo do romance, pelo fato dos autores e seus leitores estarem em uma sociedade globalizada e, por essa razão, a ficção “não retrata já um Portugal fechado sobre si próprio, antes um Portugal europeu, global, com tendências sociais e problemas psicológicos semelhantes aos dos europeus” (Real, 2012, p. 19);
2. A alteração do estatuto social do autor, uma vez que o novo escritor, refletindo o feroz individualismo presente na sociedade portuguesa a partir da década de 1980, é encarado mais como um “ídolo social (uma *star* da literatura), um ícone cultural, com página na internet e grupo de ‘fãs’ no *facebook*, do que como um intelectual lúcido, cuja obra e palavra se assumiriam como sismógrafos da realidade social e moral da comunidade” (Real, 2012, p. 25);
3. A demanda de um novo cânone, com uma abertura cultural para a predominância de uma literatura europeia, cosmopolita,

de caráter lúdico, realizada plenamente através dos novos autores emergidos nas décadas de 1980 e 1990 (Real, 2012, p. 30).

Pensando nessas questões inerentes à ficção produzida, sobretudo, desde 1950, que interferem diretamente no labor do escritor contemporâneo, o presente número da *Revista Convergência Lusíada*, intitulado *Hibridismos na ficção contemporânea luso-brasileira*, recebeu importantes contribuições que examinam as multiformes manifestações da narrativa luso-brasileira e também africanas de língua portuguesa, investindo nas diversas formas de hibridismo, seja nas articulações entre ficção e escritas de si, seja nas aproximações entre ficção e ensaio, ficção e história, ficção e outras artes. As contribuições dos articulistas se valem da análise de obras de nomes fortes da ficção contemporânea afro-luso-brasileira, tais como os de José Cardoso Pires, Maria Isabel Barreno, Teolinda Gersão, Valter Hugo Mãe, Isabela Figueiredo, Stephanie Vasconcelos, Miguel d’Alte e Mia Couto. Passemos, então, à apresentação dos textos que compõem o dossiê.

Abre o número sobre Hibridismos luso-brasileiros o artigo “*Autobiografia não escrita de Martha Freud*, de Teolinda Gersão: ‘A vitória contra a morte e o apagamento’ ou ‘A iluminação como metáfora do que se descobre’”. Ou autobiografia “inventada” ilumina a escuridão<sup>1</sup>, de autoria de Ângela Beatriz de Carvalho Faria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A estudiosa apresenta uma instigante reflexão sobre o romance de Teolinda publicado em 2024. A ficção híbrida é baseada na memória cultural e na arte do arquivo, resultados da leitura, durante três anos e meio que Teolinda fez da cor-

---

1 Título original da Conferência proferida na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em outubro de 2025, para obtenção da titularidade em Literatura Portuguesa.

respondência entre Sigmund Freud e pessoas muito próximas a ele. Através de uma “escrita de si”, em primeira pessoa, Ângela destaca que a romancista optou pela temática do duplo, ao assumir-se como Martha Freud, através de um sedutor e interminável jogo de espelhos que visa dessacralizar a eminente figura do “Pai” da Psicanálise. Em seu estudo, a ensaísta ressalta ainda que, ao rasurar o tradicional gênero autobiográfico, o relato baseia-se no ato de pensar, em que o espaço da interioridade e da afetividade deve ser dito para existir e escapar da censura.

O segundo texto do dossiê, “Ironia romântica e contemporaneidade: o jogo ficção e realidade em ‘Uma simples flor nos teus cabelos’, de José Cardoso Pires”, é assinado por Camila da Silva Alvarce, da Universidade Federal de São Carlos. O ensaio apresenta a leitura do conto de Cardoso Pires ao dialogar o modo como a referida narrativa se organiza e o conceito romântico de ironia romântica, enfatizando aspectos importantes como a construção do efeito de sentido de simultaneidade e do jogo ambíguo ficção e realidade. Camila Alvarce ressalta que o conto de Cardoso Pires apresenta um jogo de tensões entre realidade e ficção engendrado pela ironia romântica – jogo este muito favorecido, no conto analisado, pela presença do recurso da *mise en abyme* (Dällenbach, 1979). A seu ver, o espelhamento e a reflexividade oriundos da estrutura de narrativas de encaixe potencializam os efeitos de sentido da ironia romântica, ampliando os espaços da ambiguidade ao colocar não apenas “lado a lado”, mas “uma dentro da outra” narrativas, personagens e situações que – postas em diálogo, tão ao gosto da ironia – oscilam entre semelhança e dessemelhança / proximidade e afastamento / realidade e ficção.

Em seguida, temos o estudo “Representações da infância no Rio de Janeiro no início do século XX: diálogos entre as crônicas de João do Rio e a atuação do médico Arthur Moncorvo Filho”, de autoria de Marcele dos Santos Ribeiro Malaquias (RGPL/UERJ), Suely Campos

Franco (RGPL/UFRJ) e Viviane da Silva Vasconcelos (RGPL/UERJ). A partir do acervo do Real Gabinete Português de Leitura, as autoras buscaram o descritor “infância” e, por meio desse levantamento, se depararam com o cronista João do Rio (1881-1921), especialmente com o texto “Crianças que matam”, e com o médico Arthur Moncorvo Filho (1871-1944), com o *Histórico de Proteção à Infância* (1500-1922). O artigo destaca que a análise das produções desses autores sustentou a hipótese de que, à época, a proteção e a assistência à infância constituíam uma urgência social, evidenciando a relevância das investigações nesse campo.

A quarta contribuição é nomeada “Na pele nova não será inscrita a experiência verde e limosa’: a escrita inventiva de Maria Isabel Barreno em *Os outros legítimos superiores* (1970)” e assinam, em dupla autoria, Jorge Vicente Valentim (UFSCar) e Penélope Eiko Aragaki Salles (UFSCar). A leitura empreendida pelos articulistas ressalta que *Os outros legítimos superiores* pode ser compreendido por meio do que Eduardo Prado Coelho (2004, p. 70) entende como “lógica mental dos anos 60: a clausura de um labirinto infinito ou a metatextualidade de um texto que eternamente se bifurca”, sublinhada pelo próprio Eduardo Prado Coelho (2004) como um dos paradigmas criadores da década de 1960. Valentim e Aragaki Salles consentem que, nessa obra, a fragmentação, o fluxo de consciência, a não nomeação de espaços e personagens, o investimento e a devassa sobre os pensamentos das personagens, misturando-os aos do próprio narrador, propiciam essa climatização labiríntica à escrita de *Os outros legítimos superiores*, justapondo categorias genológicas e estéticas distintas, valendo-se, inclusive, da hibridização.

O quinto e o sexto artigo são intitulados, respectivamente, “O ódio como meio de sobrevivência em *O apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe”, de Adriana Girão Campiti Braga, da Universidade Federal Fluminense, e “Representação de gênero: uma análise

comparada da narrativa Paiter Suruí ‘As primeiras mulheres’ e o conto ‘Lenda de namarói’, de Mia Couto”, de autoria de Luana Gomes Pagung, da Universidade Federal de Rondônia. No texto de Campiti Braga, deparamo-nos com a leitura da narrativa *O apocalipse dos trabalhadores*, de Valter Hugo Mãe, publicada em 2008. De acordo com a ensaísta, apesar de as mulheres-a-dias Maria da Graça e Quitéria serem as protagonistas, o comportamento do imigrante ucraniano Andriy provoca, desde o início, grande impacto no leitor. Deslocado de sua terra natal, em razão da pobreza imposta pelos conflitos políticos e pela crise humanitária deles decorrente, Andriy migra para Portugal, mais especificamente para Bragança, uma cidade de fronteira pertencente à antiga província Trás-os-Montes e Alto Douro. Campiti Braga ressalta, ainda, que esse fluxo migratório de eslavos (ucranianos, russos e búlgaros), intensificado a partir do ano 2000, tem, como objetivo principal, a sobrevivência que se dá, sofrivelmente, por intermédio do trabalho na construção civil e na agricultura, setores que assimilam essa mão de obra barata. Já no artigo de Luana Gomes Pagung, há uma proposta de análise comparativa da intertextualidade temática que perpassa as duas narrativas de continentes tão distantes e, ainda assim, culturalmente análogos: o continente americano, com “As primeiras mulheres”, texto de autoria coletiva e tradição oral pertencente ao povo indígena brasileiro Paiter Suruí, coletada e traduzida por Betty Mindlin em *Vozes da origem*; e o continente africano, com o conto “Lenda de Namorói”, de autoria de Mia Couto em *Estórias abensonhadas*, uma narrativa inspirada na tradição oral moçambicana. Com esta comparação, examina-se como o feminino e o masculino são simbolicamente construídos nas duas narrativas cosmogônicas e sua articulação como elemento determinante nas relações de gênero e apoderamento do espaço social.

Dando continuidade aos hibridismos na ficção recente em língua portuguesa, Milena Maia, da PUC São Paulo, e Renan Henri-

que Messias de Paulo, da Universidade Federal de São Carlos, contribuem com o estudo “O espaço como destino em *A origem dos dias*, de Miguel d’Alte”. Na leitura proposta, ambos destacam a articulação entre espaço, paisagem e metaficção para a leitura da narrativa em estudo. À luz da tensão entre criação literária e realidade, a leitura do romance evidencia os modos pelos quais a narrativa constrói uma geografia existencial marcada pelo deslocamento contínuo do protagonista, Tomás Franco, entre espaços rurais e urbanos para além das fronteiras de Portugal. Para os autores, esses lugares funcionam como instâncias de sentido que moldam estados de consciência, afetos e modos de estar e perceber o mundo.

Logo depois, a “Novíssima literatura portuguesa: narrativa e personagens fragmentados no romance *A tua melanina*, de Stephanie Vasconcelos”, é de autoria de Sandra de Melo Silva e de Maria Jodaílma Leite, ambas na PUC São Paulo. As estudiosas valem-se das tendências híbridas das narrativas contemporâneas na novíssima literatura portuguesa, bem como o romance escolhido como *corpus* apresenta um enredo de forte densidade emocional e poética, marcado por diálogos fragmentados, polifonia, intertextualidade, metaficção e jogos autorreferenciais, nos quais ficção e realidade se entrelaçam, ultrapassando uma linguagem centrada no eu para alcançar uma dimensão coletiva.

Por fim, encerra o dossiê o artigo “Meu corpo é minha casa: visita ao romance *A gorda*, de Isabela Figueiredo”, de Rosemary Gonçalo Afonso, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. De acordo com a leitura proposta, a protagonista enfrenta as dificuldades relacionadas ao excesso de peso, sendo vítima da opressão exercida por um padrão de beleza quase sempre inalcançável, numa sociedade gordofóbica e excludente. E porque os elementos de depreciação do indivíduo precisam ser entendidos no seu conjunto e não de forma isolada, numa perspectiva interseccional, Rosemary entende que

não podemos ignorar que ao excesso de peso se associa a condição de mulher, mais especificamente uma “retornada”, visto que a personagem se encontra entre os milhares de portugueses e portuguesas que, em decorrência das lutas pelas independências das últimas colônias mantidas no continente africano, “voltaram” para Portugal na década de 1970, sendo recebidos com animosidade e desconfiança pela população da metrópole.

O presente número da *Convergência Lusíada* conta, ainda, com duas resenhas críticas. A primeira é de autoria da Ana Marques Gastão, poeta, ficcionista e ensaísta portuguesa, que apresenta o livro *Recurso e pobreza*, da poeta contemporânea Tatiana Faia. A segunda resenha, assinada por António José Borges, do Centro de Estudos Globais/Universidade Aberta – Portugal, que apresenta a coletânea de contos *A nuvem no olhar*, do mais que reconhecido escritor português João de Melo, nos seus 50 anos de vida literária.

Por fim, estamos cientes de que os estudos compreendidos no dossiê *Hibridismos na ficção contemporânea luso-brasileira* serão fonte de pesquisa sobre o tema, tendo em vista a pluralidade de assuntos, formas e dicções que permeiam a narrativa contemporânea em língua portuguesa. Desejamos a todos uma excelente leitura!

Paulo Sales

Universidade Federal de Goiás

Jorge Vicente Valentim

Universidade Federal de São Carlos

**REFERÊNCIAS**

- ANDRADE, Antonio *et al.* Pós-autonomia. *In: PEDROSA, Celia et al (org.)*. Indicionário do contemporâneo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 165-204.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. *In: BARTHES, Roland. O rumor da língua*. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.
- COELHO, Eduardo Prado. Anos 60: as clausuras infinitas. *In: COELHO, Eduardo Prado. A razão do azul*. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2004. p. 65-81.
- DÄLLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. “*Poétique*” revista de teoria e análise literárias: *Intertextualidades*, Coimbra, n. 27, p. 51-76, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 2006.
- GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. Apresentação. *In: KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 7-15.
- KRYSINSKI, Vladimir. Sobre algumas genealogias e formas de hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução e apresentação Zênia de Faria. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 9, p. 230-241, nov. 2012.
- LUDMER, Josefina. Literaturas postautônomas. *Ciberletras Revista de Crítica Literaria y de Cultura*, [S. l.], n. 17, p. 236-244, jul. 2007.
- MIRANDA, Wander. Formas mutantes. *In: KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. Expansões contemporâneas: literatura e outras formas*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 135-152.
- REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo (1950-2010)*. Lisboa: Caminho, 2012.